

SUPER 8 VIDA NOVA

O cineasta Silvio Back, coordenador do I Festival Brasileiro do Filme Super 8 (Curitiba), apresenta a FILME CULTURA, um depoimento sobre a bitola e os resultados da mostra. Sempre preso ao cinema por uma inquietação cultural, como atestam seus antecedentes de crítico e cineclubista, Silvio Back realizou vários filmes de curta metragem e dois longos, Lance Maior e A Guerra dos Pelados, este laureado com o Prêmio Adicional de Qualidade, do INC, 1971. Agora trabalha nos preparativos de seu terceiro longa metragem, "Aleluia, Gretchen". (FC)

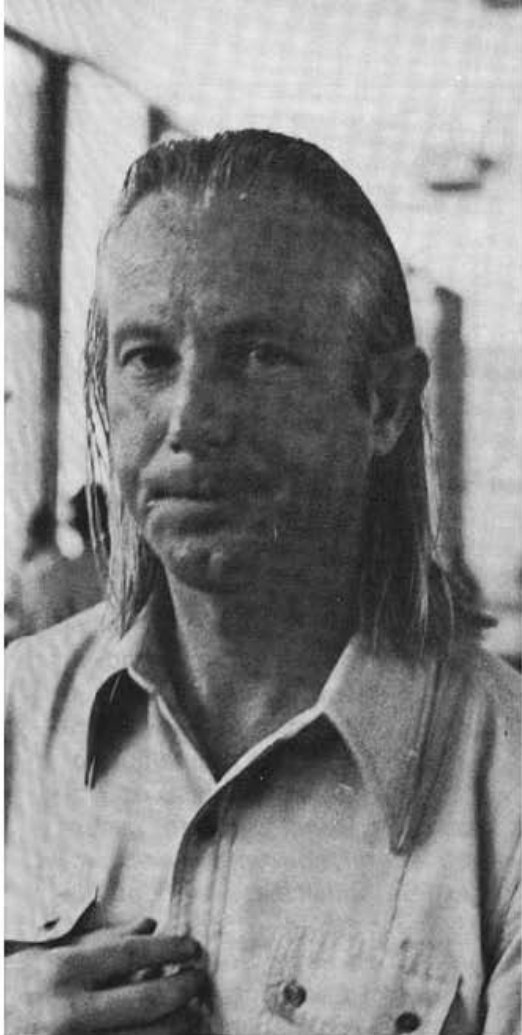
Sintomaticamente, ao lançar o I Festival Brasileiro do Filme Super 8 à margem do eixo catalizador Rio-São Paulo, e sendo de outra origem profissional, me vi assaltado por uma série de dúvidas e vacilações que se vinha somar ao natural descrédito que a bitola mantém entre nós, cineastas do "grande cinema" e o público de um modo geral. Para deixar que a realidade dos filmes decidisse, já na teorização e regulamento do certame abri a discussão sobre o Super 8, questionando desde sua exequibilidade institucional no Brasil, o que move seus cultores, o porquê de suas contradições e distanciamento, se esse amadorismo seria incompatível com um cinema de idéias, e até que ponto o recém-chegado poderia contribuir para um eventual afrouxamento da crise econômico-cultural do cinema brasileiro. Mais ainda, até onde o chamamento à realização prática retiraria o Paraná de sua tradicional atitude contemplativa face ao cinema, e seu complexo castrador face ao cinema nacional, em particular.

A quase centena de filmes inscritos logo veio a desfazer algumas indagações iniciais, estimular novas, aprofundar pequenas certezas, entrevistas no consumo de obras produzidas anteriormente, mas também trouxe reformulações sobre o próprio consenso adquirido pela bitola e também quanto às suas pretensões de linguagem e incursões por um cinema de propostas. Levando em conta que um possível caráter público e coletivo do Super 8, em nosso país, tem-se manifestado apenas em festivais, o diagnóstico de seus atuais progressos igualmente pode se medir pela própria dinâmica e pelo fortuito inerentes às poucas exhibições exclusivas e para uma platéia informada e a priori receptiva. Assim, o festival paranaense, a meu ver, serviu antes para demonstrar o incrível e quase desconhecido potencial do Super 8 do que para colocar na mesa os seus impasses e sua vinculação à problemática geral do cinema brasileiro.

Com temática e minutagem livres, e a eliminação da seleção prévia, as primeiras críticas e o primeiro temor foram de que uma enxurrada de filmes domésticos desencarnasse o certame de sua tábua de propósitos, onde o apelo era para que os cineastas levantassem material mais diretamente relacionado com o processo histórico-cultural do nosso tempo e cinema.

Pessoalmente, intuí o contrário: os filmes falaram por si, e em sua maioria — numa gama que variou da piada gentil às obras de acentuado gosto social, político e/ou ideológico — veio a revelar uma curiosa vitalidade e riqueza de caminhos. Isso fez com que, automaticamente, o Festival do Paraná passasse à condição de divisor de águas, destacando-se por uma singularidade em relação aos anteriores e formalizando com aquele bloco de filmes cheios de criação, perplexidade, desafios e angústia — uma nova imagem para o Super 8 brasileiro, que só me faz acreditar que os próximos certames forçosamente deverão partir daí, sob pena de um retrocesso.

Um dos pecados originais do nosso Super 8, e que tem sido a sua expiação e saco de pancadas — o escapismo — cedeu lugar a uma preocupação política e existencial em boa parcela dos realizadores, situados numa faixa etária dos 17-beirando-os-30 anos. Veja-se, por exemplo, que os nove filmes mais importantes, mesmo quando seus diretores abdicaram de



uma visão mais pessoal da realidade para flagrar o documento bruto ou recorrer à pesquisa formal pura, nem por isso se deixaram seduzir pelo "charme" da esperança aparente, que é o mais recente produto à venda no supermercado da arte de consumo. Essa lucidez, que nem sempre esteve acompanhada por idêntica pesquisa lingüística (relação também ocorrida no plano técnico: os filmes de melhor padrão eram os que menos correspondiam em narrativa e ideário), dá bem o tom e ritmo ideológico que hoje voluntarizam à produção inúmeros cineastas da bitola.

Por outro lado, há a considerar que embora negligenciado pelo cinema profissional, e assumindo em relação a ele uma posição tanto falsamente submissa como falsamente superior — o Super 8 visto em Curitiba deu a nítida impressão de que, por inocência ou alienação mesmo da maioria de seus autores, ignora quase todo o complexo econômico-cultural opressivo que envolve o nosso cinema. Como a sua pedra de toque principal ainda é a da circulação dos filmes num segmento social familiar, esse avanço entre o que o cinema brasileiro vem produzindo nos últimos anos e essa produção de laboratório descompromissada de um retorno financeiro, embora substancial no plano de indagação, é muitas vezes inócuo, e ele, no fundo, vem a ser mais um dado triste da conformação cultural a que estamos submetidos.

Platéia e filmes — nessas oportunidades de festival — embora movidos e paralisados pela mesma pressão ideológica — escassamente se interpretaram quando frente a frente. No Paraná o Super 8 congregou apenas uma relativa massa de jovens, dentre os milhares de universitários e secundaristas convocados, mas suficiente para fazer aflorar os conflitos. E no diálogo, por vezes atingido, nada mais fez do que reavivar os mesmos preconceitos que foram e continuam a proscrever o nosso cinema da intimidade da juventude, não ultrapassando os limites do portão de um gigantesco orfanato, onde o Super 8 agora se alista — à proporção que se impõe — como o irmão mais moço desse filho enjeitado da cultura brasileira.

Por outro lado, para efeitos de prospecção, irradiação e impacto locais, o Festival convenceu exatamente naquilo a que se propôs: influir para o surgimento de realizadores paranaenses e dar aos neófitos as possibilidades de uma visão eclética de várias tendências, estilos e sistemas de produção de filmes brasileiros nos últimos 10 anos, e de ouvir, pelo testemunho de irredutíveis brigadores da causa do cinema nacional, as lições da história e do que estará se alimentando o futuro ante a abulia presente. Nesse sentido, quer nas palestras e mesas redondas, quer na exibição de cerca de 50 filmes — entre retrospectivas de longas-metragens, documentários e filmes para televisão — registraram-se felizes momentos de interesse, descoberta e reencontro. E as surpresas e decepções explicavam e mesmo justificavam as reflexões sobre os filmes em

concurso, a mais recente safra de um cinema brasileiro marginal e quase premeditadamente autóctone.

Entre os grandes premiados, há uma equipe de Curitiba (Ivens Fontoura); nos prêmios de incentivo, dois outros grupos, um também da Capital (José Augusto Iwersen) e um do interior (Wellington Carlos Soares) — saldo que por si responde à força instigante do Festival. Construindo sozinho um projeto cinematográfico paranaense (sulino), nesses anos venho sofrendo muito desestímulo e assistindo a muitas deserções, umas voluntárias, outras constrangidas pelas circunstâncias óbvias que bloqueiam uma iniciação no Brasil. Então vi na realização de um certame de Super 8 — sem favor o melhor investimento oficial já registrado nessa área, no Estado — a bela ocasião de, ao tempo em que se retomaria a discussão sobre a infeliz condição deste país misterioso chamado cinema brasileiro e seus estranhos habitantes, reacender e fomentar vocações no Paraná, indigente território de pesquisa e produções cinematográficas.

A prática mostrou-se exitosa, trazendo à tona uma parcela da jovem inteligência regional que, por formação, nem sempre esteve alinhada com os desacertos e destinos do cinema brasileiro, detalhe esse que vem a sublinhar os frutos do certame por romper uma velha tradição colonial e antropofágica comum à província. Em sepultando esclerosadas ambições de outros tempos, o Festival credita a esses e aos demais não laureados, daqui a responsabilidade de, agora coletivamente, implantar uma cinematografia local em bases culturais mais sólidas.

Se é verdade que a seqüência do Festival deu respaldo à sua propositura — "Vida ao Super 8" — e que já pode se afirmar que a bitola vive de fato, igualmente suas sensíveis conquistas no campo da prática ainda são vegetativas e exigem dos realizadores uma melhor definição institucional e uma posição mais articulada com a realidade atual do cinema brasileiro.